

Historiadores e intelectuais do Oeste Paulista nas décadas de 1940 e 1950

Historians and intellectuals of "Oeste Paulista" in the 1940s and 1950s

Gabriel Vinicius Baroni

Mestrando em História Social na Universidade
Federal do Rio de Janeiro
gabrielvbaroni@gmail.com

Resumo: O artigo propõe analisar uma geração de autores que se preocuparam em escrever a história dos municípios do Oeste Paulista durante as décadas de 1940 e 1950, a partir de uma discussão historiográfica sobre os intelectuais e sua participação na sociedade. A partir dessa perspectiva teórica, reflete-se sobre a compreensão desses autores como intelectuais e historiadores, assim com a participação deles na sociedade.

Palavras Chaves: Historiografia, Intelectuais, São Paulo.

Abstract: The article analyzes a generation of authors who wrote about the history of the western region of São Paulo during the 1940s and 1950s, from a historiographical discussion on the intellectuals and their participation in society. From this theoretical perspective, it discusses the understanding of these writers as intellectuals and as historians, as well as their participation in society.

Keywords: Historiography, Intellectuals, São Paulo.

A abordagem dos historiadores ao considerar um indivíduo ou um grupo como intelectuais constitui uma das problemáticas centrais do debate sobre os intelectuais. É fundamental delimitar o campo de discussão, mesmo não sendo uma tarefa simples, já que, como afirma Norberto Bobbio, os intelectuais não compõem uma categoria homogênea e nem mesmo uma massa indistinta (1997). Portanto, os próprios intelectuais, ao refletirem sobre sua constituição, iram adotar concepções diferentes sobre o que é ser intelectual, geralmente seguindo dois caminhos opostos: aqueles que adotam uma definição mais circunscrita, na qual o intelectual é um indivíduo dotado de uma vocação para sua atividade, e aqueles que adotam um conceito mais lato de intelectual, no qual qualquer homem, de qualquer grupo ou categoria social, pode desempenhar essa função.

Julian Benda adota o que podemos chamar de uma postura mais demarcada sobre o intelectual: para o autor, esse é o indivíduo cuja atividade não persegue fins práticos, mas sim a aquisição de um bem não temporal – são protetores, defensores e transmissores dos valores culturais universais, da justiça e da verdade. Portanto, os clérigos de Benda constituem um grupo de homens bem delimitados com certa vocação intelectual e principalmente dotados de um grande sentido moral que permitiria transmitir os valores que constituem a consciência humana para as futuras gerações (BENDA, 1999).

Antonio Gramsci adota um caminho diferente do de Benda, numa concepção bem mais ampla. Para Gramsci, todos os homens são intelectuais, apesar de que nem todos possam desempenhar a função de intelectual, ou a todo o momento na sociedade. Nessa perspectiva, toda classe ou grupo social vai produzir seus próprios intelectuais, que podem se dividir em dois tipos, o intelectual tradicional, aquele que geração após geração continua realizando a função intelectual, e os intelectuais orgânicos, aqueles que são diretamente ligados a uma classe ou grupo e são mobilizados por esses para conseguir mais poder e controle (GRAMSCI, 1982).

Uma das posições mais pertinentes sobre o tema é a de Edward Said, que apresenta a visão de um intelectual como representação. Estabelecendo um diálogo entre as ideias de Benda e Gramsci, Said chega à sua concepção do intelectual como figura representativa, ou seja, para ele o intelectual é um indivíduo que representa certo ponto de vista, e que articula essas representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras. Para isso os intelectuais necessitam de uma vocação, seja para arte de representar, seja para escrever, falar, ensinar ou até mesmo aparecer na TV. Essa

vocação é importante na medida em que o intelectual passa a ser reconhecível publicamente e se envolve ao mesmo tempo com compromisso e risco de representar certa opinião (SAID, 2005).

Além da definição do que é o intelectual, o debate aponta outro dilema central que se refere a uma contradição da atividade intelectual: a distância necessária para elaboração da crítica e o envolvimento inevitável do intelectual com a sociedade em que vive (BASTOS; RÊGO, 1999).

A crítica é a razão da atividade do intelectual, tanto o afastamento quando o envolvimento do intelectual na sociedade podem comprometer essa atividade. Se de um lado o ocultamento da realidade e a indiferença podem levar à cegueira do intelectual, incapacitando a interpretação dos fenômenos da sociedade, do outro lado, ao se envolver com a realidade de sua sociedade, o intelectual pode cometer o pecado da apologia. Toda apologia pode ser paralisadora da crítica, e sem crítica não há atividade intelectual (BASTOS; RÊGO, 1999).

A obra de Benda foi uma das críticas mais relevantes ao envolvimento do intelectual na sociedade, publicada em 1927: é uma crítica aos intelectuais que se envolveram com os regimes totalitaristas, que marcará todo debate posterior em torno dos intelectuais. Para Benda, a partir do século XIX os intelectuais começam a fazer o jogo das paixões políticas, mais especificamente as paixões nacionais ou as de classe. Ao aderir às paixões o intelectual fornece seu prestígio e sua força persuasiva a uma nação ou classe. Para o autor, os aspectos gerais de uma paixão (tendência à ação, a sede pelo resultado imediato, o desprezo pelo argumento, o apelo ao específico em contraposição ao universal) descaracterizam a atividade intelectual (BENDA, 1999).

Por isso, para Benda, os intelectuais são traidores, pois traíram sua essencial função de montar uma corporação cujo único corpo é a justiça e verdade e, ao invés disso, se entregaram às paixões e à política. Entretanto, a crítica de Benda não significa a defesa de um intelectual descomprometido com a sociedade, alheio ao mundo, isolado numa torre de marfim. Para Benda, é também uma questão do intelectual que se propõe a estabelecer a crítica sem se entregar ao jogo das paixões políticas. Benda afirma que a prova infalível para descobrir se o intelectual traiu sua vocação é observar aquele que, ao descer a praça pública, após sua fala, é difamado pelo leigo, pois prejudicou seus interesses, agiu de forma adequada. Se for louvado pelo leigo, traiu sua função.

A missão do intelectual em falar a verdade ao poder é, na visão de Said, o meio de se resolver o dilema. O intelectual representa um posicionamento e uma trajetória de

vida particular, mas essa representação só tem valor, na visão do autor, se o indivíduo faz valer sua vocação para uma atitude e senso crítico, refutando a função de pacificador ou criador de consensos. Por isso, para ele, o intelectual é essencialmente uma figura de esquerda num estado de alerta constante (SAID, 2005).

Said adverte que as condições que levaram à profissionalização da atividade intelectual puderam inibir o espírito crítico dos intelectuais. A questão que se coloca é a possibilidade de ainda existir um intelectual independente no qual suas afiliações universitárias não constriam ou impossibilitem sua vocação crítica. As pressões, bajulações e especializações podem contribuir para a perda do foco pelo intelectual, entretanto, mesmo imergido no paradigma da profissionalização, o intelectual deve manter um espírito amador, entendido no sentido de ser guiado pela afeição e dedicação e não pelo lucro. O intelectual como amador se coloca como alguém que se empenha em levantar questões morais sobre qualquer atividade, por mais técnica e profissionalizante que seja (SAID, 2005).

Obviamente que a situação dos intelectuais no Brasil possui suas especificidades. Entretanto, esses autores levantaram questões universais acerca da prática intelectual que possibilitam a reflexão sobre os intelectuais brasileiros, a partir dos referenciais teóricos por eles construídos.

27

Os historiadores do Oeste Paulista

Nosso objetivo consiste em entender se quatro autores do Oeste Paulista durante as décadas de 1940 e 1950, que se dedicaram a escrever a história das cidades da região, podem ser entendidos como intelectuais, a partir desse referencial teórico.

A própria concepção desses autores como historiadores não é simples. Se pelas cidades do Oeste Paulista são considerados e sempre lembrados como historiadores, a academia os classificou em várias ocasiões como memorialistas. Entre os motivos, reside o argumento de que esses autores não tiveram formação superior em história e, quando abordamos o período de 1940 e 1950, esse argumento se fortalece, pois os primeiros cursos superiores de história já existiam no país. Outro argumento é que realizavam uma produção histórica muito mais associada ao modelo difundido pelos institutos históricos e outras agremiações de letrados do que o modelo que a academia viria a adotar. Estamos nos referindo a uma concepção de história legitimada pelo

documento escrito como fonte de informação; laudatória; com ausência de crítica e interpretações explícitas; que preza a narrativa dos acontecimentos como estilo de escrita.

Uma das possibilidades de análise está em que, antes mesmo de entendê-los especificamente como historiadores, ou não, podemos refletir sobre a sua participação na sociedade como intelectuais. Para isso o debate realizado pelos teóricos citados anteriormente é fundamental. Levantamos duas perguntas centrais orientadas à discussão da bibliografia, ou seja, nos questionamos se poderíamos considerar esses autores intelectuais, e se sim qual o grau de envolvimento deles na sociedade.

Buscamos estabelecer uma tipologia dos autores do Oeste Paulista nas décadas de 1940 e 1950, selecionando quatro autores ligados a quatro cidades diferentes da região. Os autores estudados são: Mario Neme, de Piracicaba, Jolumá Brito, de Campinas, Aluísio de Almeida, de Sorocaba, e Osmani Emboaba da Costa, de Ribeirão Preto. Obviamente, esses não são os únicos autores que nesse período se propuseram a escrever a história das cidades da região, entretanto, o critério de seleção orientou-se por compor um conjunto de nomes que representassem os diferentes tipos do que viria a ser reconhecido como historiadores nessas cidades ou, então, memorialistas.

28

Mario Abdo Neme (1912-1973), natural de Piracicaba, foi entre esses autores aquele que atingiu maior destaque regional. Apesar de ter nascido em Piracicaba, fez sua carreira em São Paulo. Circulou entre os principais periódicos da época, principalmente no *O Estado de São Paulo*, no qual se fixou como colaborador e permaneceu por mais de trinta anos. Trabalhou também em diversos órgãos ligados à educação e cultura, como a Divisão de Documentação Histórica e Social da prefeitura de São Paulo e o Museu Paulista, no qual assumiu o cargo de diretor, durante a década de 1960 (SILVA, 2011).

A produção intelectual de Mario Neme abrangeu tanto a literatura quanto a história. Na historiografia, além das obras sobre a história de Piracicaba, Neme também se dedicou a escrever sobre a História do Brasil, mais especificamente em torno da temática do Brasil Holandês. Também publicou artigos em revistas e anais como, por exemplo, os anais do Museu Paulista (SILVA, 2011).

João Batista de Mello Brito Sá (1890-1980), mais conhecido pelo seu nome artístico Jolumá Brito, foi uma das figuras com a trajetória mais diversificada que podemos encontrar. Foi jornalista, radialista, escrevia poesias e comédias e sobre a história das cidades da sua região. Como historiador, teve o *status* de maior escritor de

Campinas: foram mais de trinta livros publicados em vida, abordando principalmente a história de Campinas e outras cidades da região (CARNIELLI, 2007).

Nasceu de uma família humilde em Espírito Santo do Pinhal e, apesar de não ser natural de Campinas, viveu a maior parte da sua vida na cidade e sempre se colocou como o campineiro de coração. Trabalhou desde cedo como jornalista, ingressou mais tarde nos principais jornais da cidade, escrevendo praticamente sobre tudo, da vida social a crônicas esportivas e comentários sobre a região. Mas o meio em que Brito ganhou maior destaque na cidade foi o da imprensa falada, sendo considerado um dos pioneiros da transmissão local. Além do jornalismo falado e escrito, Brito sempre foi envolvido com diversas atividades da cidade: fez parte agremiações esportivas, agremiações de letrados e sindicatos. Também foi funcionário público, atuando como tabelião no 2º Registro de Imóveis de Campinas (CARNIELLI, 2007).

Brito se envolveu com a escrita da história da cidade no início da década de 1930. Anos depois, se lançaria na empreitada de escrever “toda a história de Campinas”, da fundação até o século XIX, o que resultou nos vinte e sete volumes da *História da Cidade de Campinas*, impressos pela editora Saraiva entre 1956 e 1965. Devido ao sucesso que suas obras alcançaram na cidade, também recebeu alguns trabalhos por encomenda, que resultaram em obras sobre história de Paulínia e de Americana, além do livro *História do Clube Regatas* (CARNIELLI, 2007).

Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (1904-1981), conhecido também como Aluísio de Almeida, natural de Guareí, no interior de São Paulo, foi um padre que atuou em Sorocaba e em diversas cidades da região. Além da carreira religiosa, Aluísio de Almeida desenvolveu um forte gosto pela escrita, realizando contribuições para diversos jornais religiosos. Mais tarde, contribuiria também para jornais leigos. Sua produção intelectual ocupou boa parte da vida do autor, o que nem mesmo a frágil saúde pode impedir. Seus principais temas eram a história, folclore, biografias e religião. Foi premiado pelo seu trabalho sobre folclore e sua obra de história de maior repercussão foi a *História de Sorocaba*. Foi um dos grandes militantes pela preservação da memória da cidade e um dos responsáveis pela formação do Instituto Geográfico e Genealógico, criado para esse fim (DANTAS, 1985).

Osmani Emboaba da Costa (1912-1988) é um exemplo de autor do Oeste paulista cuja memória ficou esquecida na cidade. Foi médico psiquiatra e é mais lembrado como um dos precursores da psiquiatria ambulatorial e hospitalar em Ribeirão Preto, do que como historiador da cidade. Fora do campo da medicina, participou de

varias associações culturais, como a Sociedade Lítero-musical e o Foto Clube de Ribeirão Preto. Entretanto, só publicou uma única obra fora do campo da medicina, a *História da Fundação de Ribeirão Preto*, escrita em vistas das comemorações do centenário da cidade, em 1956. Inclusive, envolveu-se em polêmica com outros estudiosos da cidade, que defendiam datas diferentes das reproduzidas pro Osmani, a qual só viria a ser resolvida por uma comissão da Universidade de São Paulo, que deu parecer favorável ao autor.

Se Mario Neme foi o exemplo de autor que atingiu maior destaque entre essa geração, alcançando grande prestígio na capital, ao ser convidado a assumir a direção do Museu Paulista, Osmani Emboaba da Costa seria o caso oposto: poucas informações permaneceram sobre sua trajetória na cidade, parecendo bem provável que sua única atuação como intelectual e historiador foi sua obra sobre a fundação da cidade. Fora o caso de Osmani, os demais autores do Oeste Paulista produziram constantemente sobre a história das cidades da região e sobre tudo mais como folclore, poesia, literatura, entre outros.

30

A característica de uma produção tão diversificada possibilitou que Tathianni Cristini da Silva, ao analisar Mario Neme, o classificasse como um intelectual polígrafo, pautada pela concepção de Sergio Miceli (MICELI *apud* SILVA, 2011) para descrever o indivíduo que desempenhava diversas tarefas ligadas à intelectualidade, como obras jornalísticas, históricas e literárias. Apesar de a diversidade de publicações ser uma das características marcantes dessa geração de autores, para nossa proposta, isso não é suficiente para podermos imediatamente classificá-los como intelectuais.

Todos esses autores desempenhavam profissionalmente alguma atividade intelectual, seja jornalista, médico, cargos administrativos e religiosos. Entretanto, como adverte Bobbio, o fato de um indivíduo desempenhar uma função intelectual não o torna automaticamente um intelectual (1997). O envolvimento desses autores com a história das cidades do Oeste Paulista se deu pelo amorismo, no sentido definido por Said, do amador guiado pelo afeto e dedicação e não pelo lucro. Nenhum desses autores ganhou dinheiro com suas publicações. Muitas vezes, quando não encontravam financiadores e editores, pagavam do próprio bolso as impressões. Além do claro laço afetivo entre os autores e suas cidades, exemplos não faltam que nos indiquem isso: na capital, Mario Neme participava de um grupo chamado “turma de Piracicaba”, o que pode indicar que, mesmo longe da cidade natal, mantinha com esta uma ligação identitária (SILVA, 2011). Outro exemplo está em Jolumá Brito que, mesmo tendo nascido fora de

Campinas, demonstrava com orgulho o título de “cidadão campineiro” que ganhará pelos anos de contribuição à cidade (CARNIELLI, 2007).

O conhecimento e o método histórico foram adquiridos por esses autores de forma autodidata: como não frequentaram os poucos cursos superiores de história que existiam naquela época, foi a iniciativa pessoal, guiada pelo interesse, pela curiosidade e pelo afeto pela cidade, que os levou a estudar a história da região e a buscar a documentação necessária para que mais tarde pudessem escrever suas obras. Dois fatores parecem terem contribuído para a autoaprendizagem: primeiramente, o trabalho em arquivos e centros de documentação, como no caso de Jolumá Brito e Mario Neme, que facilitou que esses autores entrassem em contato com a documentação utilizada e, de outro, a influência dos institutos históricos, como o Instituto Histórico Geográfico e Histórico de São Paulo, que eram compostos, também, por historiadores autodidas. Sendo os autores associados aos institutos da capital, produziam um tipo de história que se aproximava muito daquela produzida nesses institutos. Além do mais, em vários casos viriam a fundar nas próprias cidades, como Sorocaba e Piracicaba, institutos históricos que se assemelhavam à agremiação da capital.

O amadorismo e o autodidatismo desses autores não desqualifica seu trabalho. É, inclusive, a partir dessas características que devemos pensar sua concepção como intelectuais. O primeiro instinto seria o de pensá-los como intelectuais orgânicos, já que vimos que não desempenhavam profissionalmente uma ocupação que seria associada ao intelectual tradicional, mas que em momentos específicos desempenharam a função de intelectual. O caso de Osmani endossaria essa percepção, já que sua única participação na história da sua cidade foi publicar uma obra sobre a fundação de Ribeirão Preto visando à comemoração de seu centenário.

Nessa perspectiva o trabalho intelectual desses autores estaria diretamente ligado a um grupo social, estes seriam os intelectuais produzidos por esse grupo. Portanto, esses intelectuais, ou historiadores municipais, tiveram suas obras diretamente relacionadas às suas respectivas cidades, não só por causa do tema abordado, mas também pelo público leitor a qual essas obras eram direcionadas e, em algumas ocasiões, tiveram suas obras financiadas por esses municípios, quando não pagavam as impressões do próprio bolso.

Porém, como nos propomos também a entender as construções de identidade e enquadramentos de memória proporcionados pela produção historiográfica do Oeste Paulista, seria mais interessante interpretar sua condição a partir do conceito de Said, do

intelectual como representação (2005). Portanto, consideramos que os historiadores do Oeste Paulista representam um ponto de vista, uma opinião específica, que articula sua trajetória com seu trabalho intelectual. Representam um momento da historiografia brasileira no qual, apesar dos primeiros cursos superiores já existirem, esses não tinham um alcance tão amplo assim, sendo que em muitas regiões a produção histórica ocorria de forma amadora e autodidata. Representam também os laços identitários que essas cidades puderam formar, sua narrativa histórica, trazendo implicitamente um enquadramento de uma memória coletiva que viria a contribuir pra construção das identidades regionais.

Entendê-los como representação abre um campo de possibilidades para ser explorado, mas precisamos nos perguntar se, uma vez considerando esses autores como intelectuais, eles cumpririam com a missão de Said de falar verdade ao poder.

O primeiro aspecto a ser levantado é que como amadores não tinham filiação intelectual a nenhuma instituição ou universidade, o que permitira certa liberdade na sua escrita. Porém, essa liberdade não se transformou numa crítica à sociedade em que se vivia; sua produção historiográfica, pautada pelo modelo dos institutos históricos, carecia de análise e crítica explícita e seria esperar demais desses autores uma atitude em “falar a verdade ao poder”. Mas isso também não significa que suas produções não tiveram menor conexão com o momento de escrita e que nos referimos a intelectuais presos em torres de marfim: sua relação é com o município estudado, visa a uma exaltação das qualidades e especificidades históricas desses municípios.

Seria o caso do intelectual que faz apologia do poder, e não a sua crítica. Apesar de não cumprirem com a missão que Said coloca ao intelectual, isso não os desqualifica para análise a partir do referencial da representação.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquiria D. Leão (orgs.) (1999). *A Moralidade do Compromisso*. São Paulo, Olho D'Água.
- BOBBIO, Norberto (1997). *Os Intelectuais e o Poder: Dúvidas e Opções dos Homens de Cultura na Sociedade Contemporânea*. São Paulo, Ed. da UNESP.
- BENDA, Julian (1999). A traição dos Intelectuais in: BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquiria D. Leão (orgs.). *A Moralidade do Compromisso*. São Paulo: Olho D'Água, pp.: 65-119.
- BRITO, Jolumá (1956). *A História da Cidade de Campinas*. Campinas, Ed Saraiva. v. 1.

- CARNIELLI, Flavio de Godoy (2007). *Gazeteiros e Urbanistas: História, Memória e Trajetória de Três Memorialistas Urbanos de Campinas*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- COSTA, Osmani Emboaba da (1955). *História da Fundação de Ribeirão Preto*. São Paulo, s/e. (Col. Revista de História).
- DANTAS, Arruda (1985). *Mons. Castanho/Aluísio de Almeida*. São Paulo, Ed. Pannart.
- GRAMSCI, Antonio (1982). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- NEME, Mario (1943). *História da Fundação de Piracicaba*. Piracicaba, s/e.
- SAID, Edward W. (2005). *Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1933*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SILVA, Tathianni C. da. (2011). Mário Neme: um intelectual polígrafo. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Associação Nacional de História*. São Paulo, ANPUH – SP.

Artigo recebido em 20 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 10 de maio de 2014.